

Discurso proferido pelo Presidente da AFCEA Portugal na Sessão de Lançamento do I Congresso Nacional de Segurança e Defesa, na Academia de Ciências, em 24 de Novembro de 2009

A tecnologia desempenha hoje um papel absolutamente determinante em todos os sectores, e em particular nos da segurança e defesa. Mas o desenvolvimento e a utilização da tecnologia podem, também, ser factores de desenvolvimento económico. É com esta consciência que, na área da defesa, alguns países Europeus estão a desenvolver a Base Tecnológica e Industrial de Defesa (BTID), a qual compreende “o conjunto das empresas e entidades do sistema científico e tecnológico nacional, públicas e/ou privadas, com capacidade para intervir numa ou mais das etapas do ciclo de vida logístico dos sistemas e equipamentos de defesa”.

Apesar da BTID ser um conceito inicialmente ligado à defesa, consideramos importante conseguir construí-la de forma integrada, nas áreas da defesa e da segurança. Muitas destas tecnologias são, aliás de duplo uso, e podem beneficiar também os sectores civis, pelo que se torna evidente o extraordinário benefício económico potencial das acções que fortaleçam uma BTID ao nível europeu e também ao nível nacional.

As Forças de Segurança e Defesa têm que estar alinhadas com os seus objectivos estratégicos, antevendo constantemente as necessidades para a adequação dos meios. No actual clima de incerteza e insegurança, é difícil prever discontinuidades, tais como o 11 de Setembro nos EUA, o 11 de Março em Espanha ou o 25 de Junho no Reino Unido. Além disso, os meios para a segurança e defesa de uma nação, não são apenas as Forças Armadas (FA) e as Forças e Serviços de Segurança (FSS). São, igualmente, o Sistema Científico e Tecnológico Nacional e a sua Indústria, interligados em rede e em sã cooperação.

Apesar da indiscutível soberania que cada Estado aufere na sua própria segurança e defesa, o certo é que a ameaça é global e que a resposta tem portanto de ser global e coordenada. E isso só é possível através dum processo de cooperação, que começa a montante na própria concepção de sistemas de segurança e defesa, e portanto nas respectivas indústrias, procurando a sua inserção em redes de investigação, desenvolvimento e produção industrial.

É assim fundamental assegurar a articulação dos investimentos na segurança e defesa com os investimentos na economia Portuguesa. Esse investimento virá de várias fontes, como: do Estado, da União Europeia, e também das empresas privadas portuguesas interessadas em participar nesse “*cluster*”, para além das parcerias com empresas de países aliados, as quais, fazendo parte da nossa rede alargada, estão interessadas em activar o nosso Capital de Conhecimento em áreas específicas. Tudo passa por perceber quais as áreas onde podemos ter mais hipóteses em criar competências únicas geradoras de vantagens competitivas. A nossa ligação ao mar surge naturalmente como abordagem a privilegiar, assim como a ligação ao plano tecnológico.

Em suma, a canalização de investimentos deve seguir padrões de estratégia económica, de defesa e de segurança nacionais.

Sabendo que há um desenvolvimento crescente das tecnologias de duplo uso, que podem ser utilizadas para produzir equipamento civil, ou podem ser incorporadas no fabrico de equipamento militar, não há empresas dedicadas exclusivamente às áreas da defesa e segurança, mas sim empresas abertas, apoiando-se em estratégias de inovação e explorando as economias de escala.

O desenvolvimento de tecnologias e processos produtivos deverá ser feito, portanto, privilegiando as relações com os centros de conhecimento e investigação e aproveitando as instalações científicas e tecnológicas nacionais. Nesse sentido, as parcerias Universidades - Empresas permitirão catalisar actividades de investigação e desenvolvimento tecnológico com todas estas entidades, rentabilizando os meios financeiros e a capacidade humana existente. Esta articulação deverá ser feita com os objectivos enunciados, tornando-se portanto indispensável a participação dos utilizadores finais (FA e FSS), tanto na concepção, como na execução dos programas de inovação.

É neste âmbito, que surge a missão da nossa Associação (AFCEA) - contribuir para activar sinergias no relacionamento – Universidades - Empresas - Utilizadores Finais, no sentido de contribuir para a criação de valor económico, através do sucesso dos nossos Associados, sejam estes pertencentes às FA, FSS, Universidades e Centros de Investigação, Empresas ou associados a título individual.